



## *Hípias Menor* de Platão:

### tradução, estudo e comentário crítico

Vanessa Araújo Gomes

Mestrado (USP)

Orientador: Prof. Doutor Daniel Rossi Nunes Lopes (USP)

#### Resumo

*Hípias Menor* é um diálogo socrático, pois pertence ao grupo dos primeiros diálogos platônicos, nos quais Platão ainda está fortemente influenciado pela figura de Sócrates. Essa influência estaria presente, por exemplo, na busca por definições de virtudes morais, terminando geralmente em aporia. Todavia, durante o século XIX alguns críticos tiveram dúvidas em relação à sua autoria, apesar da referência feita à obra por Aristóteles na *Metafísica*, a qual hoje é amplamente aceita como prova da autoria platônica. Essas dúvidas, no entanto, originaram-se devido ao conteúdo do próprio diálogo, pois nele Sócrates defende a tese paradoxal de que quem comete injustiça voluntariamente é melhor do que quem o faz involuntariamente.

**Palavras-chave:** Filosofia Antiga, *Hípias Menor*, Platão, tradução.

**Plato's Hippias Minor: translation, study and critical commentary.**

#### Abstract

Hippias Minor is a Socratic dialogue since it belongs to the group of Plato's early dialogues, in which Plato is still strongly influenced by Socrates' figure. This influence would be present, for example, at the search for moral virtues' definitions, usually ending in aporia. However, during the nineteenth century some critics had doubts about its authorship, despite the reference made by Aristotle in *Metaphysics*, which is widely accepted as evidence of Platonic authorship nowadays. These doubts, however, were originated due to the content of the dialogue itself, because Socrates defends the paradoxical thesis that those who commit injustice intentionally are better than those who do it unintentionally.

**Keywords:** Ancient Philosophy, Hippias Minor, Plato, translation.

No grupo dos chamados “diálogos socráticos” há um pequeno diálogo muitas vezes mencionado como um dos primeiros escrito por Platão, o *Hípias Menor*, que se inicia após uma exibição de Hípias sobre Homero. Diante de tal assunto, Sócrates lhe pergunta qual dos heróis é melhor (ἀμείνων), Aquiles ou Odisseu (364 b2-3). No início da interlocução entre as personagens, já se evidencia que uma das questões centrais do *Hípias Menor* é o valor educacional das figuras literárias (Blundell, 1992, p.34). Porém, o início do diálogo, que trata da caracterização das personagens homéricas, foi desmerecido por muitos críticos, como A. E. Taylor (*apud* Blundell, 1992, p.34), que diz que esse trecho do diálogo nada mais é que um pretexto para tratar dos problemas éticos nos quais a personagem Sócrates estaria realmente interessada. Mas, como observa Blundell (1992, p.34), esse tema homérico está internamente relacionado com a caracterização das personagens do diálogo, e, sendo assim, a refutação de Hípias não poderia ser compreendida fora do contexto homérico.

Assim como Aquiles e Odisseu aparecem como modelos éticos distintos, Sócrates e Hípias, personagens literárias de Platão, também se tornam modelos éticos distintos a serem avaliados pelos leitores, pois Hípias é fruto da educação baseada nos valores homéricos, enquanto Sócrates defende a educação através do diálogo de cunho filosófico, que desafia as pessoas a compreenderem as questões por si próprias, e não pela aceitação de modelos éticos estereotipados. Há, portanto, nesse diálogo, uma evidente preocupação da parte de Platão com o uso da poesia na educação, tema que será central na *República*<sup>135</sup>. Sendo assim, há um confronto entre dois tipos diferentes de educação: a sofística, baseada na transmissão dos valores morais da poesia de Homero, e a dialética, representadas pelas figuras de Hípias e Sócrates, respectivamente.

---

<sup>135</sup> A preocupação de Platão com o efeito que a poesia produz na educação aparece também no livro I da *República*, no qual Sócrates diz que Simônides define a justiça “à maneira dos poetas” (ποιητικῶς, 332 b9-c1), ou seja, de forma obscura. Essa passagem, no entanto, já é uma crítica implícita à poesia e aos poetas, que será desenvolvida nos livros II, III e X da mesma obra.

A primeira parte do diálogo termina com a afirmação de Sócrates de que “o mesmo homem aparece (em Homero) sendo falso (ψευδής) e verdadeiro (ἀληθής), de modo que se Odisseu fosse mentiroso, seria também verdadeiro, e se Aquiles fosse verdadeiro, seria também mentiroso; portanto, os homens não são diferentes entre si, nem opostos, porém semelhantes”<sup>136</sup> (369 b3-7). Essa é a conclusão dos argumentos de Sócrates em resposta à afirmação de Hípias de que Aquiles é veraz (ἀληθής) e simples (ἀπλοῦς), enquanto que Odisseu é astuto (πολύτροπος) e mentiroso (ψευδής).

Para Kahn (1996, p.115), a falácia desse argumento está na mudança de “ser capaz de mentir” para “ser mentiroso”. Nos exemplos citados por Sócrates, a mesma pessoa é capaz de mentir e de falar a verdade sobre o mesmo assunto. Mas, segundo Kahn, concluir que a mesma pessoa mente e fala a verdade “não é somente falaz, mas obviamente falso”; ele ainda acrescenta que Platão faz uso deliberado dessa falácia, pois, no texto, mentir requer não somente capacidade para mentir, mas também vontade ou intenção de mentir.

Hípias não concorda com a conclusão dos argumentos e continua afirmando que pode demonstrar que Homero apresentou Aquiles como pessoa “sem mentiras e superior a Odisseu, enquanto que este é falso, mentiroso e inferior a Aquiles”<sup>137</sup> (369 c4-5). Em seguida, Hípias desafia Sócrates a opor outro discurso ao seu, se quiser provar que Odisseu é superior a Aquiles.

Sócrates, então, aceita o desafio e faz um discurso citando três passagens da *Iliada*, a fim de provar que ambos, Aquiles e Odisseu, ora mentem e ora dizem a verdade. Hípias, por sua vez, não concorda e diz que, se Aquiles mente, o faz não por vontade própria, mas involuntariamente (οὐκ ἔξ ἐπιβουλῆς ... ἀλλ’ ἄκων, 370 e8-9), ao passo que Odisseu, quando mente, o faz por vontade própria e deliberadamente (ἔκων τε καὶ ἐπιβουλῆς, 370 e11-12). Sócrates, visto que anteriormente Hípias havia aceitado a conclusão de que quem mente voluntariamente é melhor do que aquele que o faz involuntariamente, afirma que Odisseu é superior a Aquiles.

---

<sup>136</sup> “νῦν οὖν αἰσθάνη ὅτι ἀναπέφανται ὁ αὐτὸς ὢν ψευδής τε καὶ ἀληθής, ὥστε εἰ ψευδής ὁ Ὀδυσσεὺς ἦν, καὶ ἀληθής γίγνεται, καὶ εἰ ἀληθής ὁ Ἀχιλλεύς, καὶ ψευδής, καὶ οὐ διάφοροι ἀλλήλων οἱ ἄνδρες οὐδ’ ἐναντίοι, ἀλλ’ ὅμοιοι” (369 b3- 7).

<sup>137</sup> “Ἀχιλλέα πεποηκέναι ἀμείνω Ὀδυσσέως καὶ ἀψευδῆ, τὸν δὲ δολερόν τε καὶ πολλὰ ψευδόμενον καὶ χεῖρω Ἀχιλλέως” (369 c4-5).

Hípias, mais uma vez, não aceita essa conclusão, embora ela decorra necessariamente das premissas anteriormente assentidas. Sócrates, então, cita exemplos de vários esportes e técnicas para provar que aquele que erra voluntariamente é melhor do que aquele que o faz involuntariamente. Com esses argumentos, chega-se à conclusão de que o bom corredor é aquele que corre mal voluntariamente, e de que o bom cavalo é aquele que pode voluntariamente executar um mau trabalho, e assim por diante. Após citar inúmeras artes nas quais o homem bom é aquele que comete erros voluntariamente, Sócrates afirma que com a alma acontece o mesmo, ou seja, que quem erra e ocasiona o mal voluntariamente<sup>138</sup> é melhor do que quem o faz involuntariamente. Sendo assim, o homem bom praticará injustiça por vontade própria, e o mau, involuntariamente, desde que o homem bom possua alma boa. Hípias, no entanto, diz que não concorda com essa conclusão, e Sócrates diz que também não, mas que isso é o que necessariamente se conclui do argumento.

Para Sprague (1962, p.74-77) e para Berversluis (2000, p.108), a falácia desse argumento pode ser diagnosticada na mudança de ἀγαθός em um sentido relativo e funcional (bom em geometria, por exemplo) para ἀγαθός em um sentido absoluto e moral (bom moralmente). Pois ἀγαθός, nas premissas, tem sentido funcional, enquanto que na conclusão do argumento, o sentido de ἀγαθός é moral. Para Berversluis (2000, p.108), a única conclusão possível para esse argumento é em um sentido não-moral, pois dizer que alguém é bom em geometria, por exemplo, não é o mesmo que dizer que esse alguém é moralmente bom.

Em termos aristotélicos<sup>139</sup>, a falácia desse argumento está no colapso da distinção entre uma capacidade, uma arte ou uma ciência (δύναμις, τέχνη ou ἐπιστήμη) e uma disposição fixa ou um traço de caráter (ἕξις). Uma capacidade intelectual é uma capacidade voltada para direções opostas: um médico sabe tanto envenenar quanto curar um paciente. Por outro lado, a virtude moral é uma capacidade voltada para uma direção fixa guiada por uma escolha (προαίρεσις).

---

<sup>138</sup> Em grego, o verbo ἀδικέω, ἀδικεῖν no infinitivo, tem o sentido de agir mal, cometer um crime, cometer uma injustiça.

<sup>139</sup> ARISTÓTELES, *Ética Nicomaquéia*, V. I, 1129a 7ss.

Para defender sua tese no *Hípias Menor*, Sócrates primeiramente aplica-a a várias artes, afirmando que quem comete erro voluntariamente é melhor do que quem o faz involuntariamente, e, em seguida, faz uma analogia com a virtude, a fim de demonstrar sua tese. Com essa afirmação, Sócrates coloca a justiça ao lado das várias artes citadas como exemplo na demonstração da tese. Mas a analogia entre arte e virtude é algo problemático.

Da mesma forma, Sócrates associa a justiça às artes, como a aritmética e a geometria, na primeira parte do diálogo, pois nessas artes cometer um erro propositalmente é próprio de quem tem conhecimento, ao passo que a pessoa ignorante erra involuntariamente. Mas, segundo Kahn, isso ocorre somente nas artes citadas como exemplo, e não na justiça ou nas virtudes morais em geral. O problema, portanto, estaria na analogia entre arte e virtude.

Outro motivo pelo qual a argumentação do *Hípias Menor* foi considerada problemática é que a conclusão do argumento, segundo a qual quem pratica o mal voluntariamente é melhor do que aquele que o faz involuntariamente. Ela não está de acordo com o *paradoxo socrático*, doutrina moral segundo a qual o homem que conhece o que é virtuoso e sabe que é sempre melhor fazer o que é virtuoso, sempre se comportará de maneira virtuosa. Por que, então, Sócrates recorre a um argumento falacioso?

Berversluis (2000, p.104-5) diz que o argumento de Sócrates é uma *reductio ad absurdum* com a intenção de mostrar que a negação do *paradoxo socrático* leva à conclusão escandalosa de que quem pratica o mal voluntariamente é melhor do que quem o faz involuntariamente.

Klosko (1987, p.614), por sua vez, diz que “há alguns casos em que Platão parece estar consciente de que determinados argumentos são falazes. Para citar o caso mais claro, devido aos vários indícios e sugestões ao longo do *Hípias Menor*, muitos estudiosos estão atentos à natureza sofisticada dos argumentos utilizados por Sócrates nesse diálogo”.

Os indícios de que Platão usa deliberadamente argumentos falaciosos no *Hípias Menor* estão em passagens como 372 d10-e5 e 376 b12-c1. Na primeira

passagem, Sócrates diz achar que quem comete um erro voluntariamente é melhor do que aquele que o comete involuntariamente, mas às vezes vacila sobre o assunto e pensa de modo contrário. Na segunda, no fim do diálogo, ele diz que, assim como Hípias, também não concorda que quem comete uma injustiça voluntariamente é melhor do que aquele que o faz involuntariamente, mas que essa conclusão do argumento decorre necessariamente do que foi assentido por eles.

A argumentação presente no *Hípias Menor*, portanto, é problemática, pois a maioria dos críticos a considera falaz, embora discordem entre si sobre a possibilidade e/ou o sentido filosófico de Platão usar deliberadamente a falácia em certos contextos nos diálogos.

Além disso, o *Hípias Menor* durante muito tempo foi considerado espúrio devido ao seu próprio conteúdo, sobretudo aos argumentos nele contidos. A conclusão falaciosa do argumento de Sócrates era vista por certos estudiosos como indício da não-autoria de Platão, desconsiderando absolutamente a possibilidade de se entender a função e o sentido da falácia no contexto argumentativo do diálogo.

Theodore de Laguna (1920, p.550), por exemplo, diz que o *Hípias Menor* não é um diálogo importante e que, por isso, está entre as obras de Platão que receberam menos atenção por parte dos críticos da filosofia grega. Além do mais, Laguna afirma que poucos escritos de Platão, se houver algum, são menos importantes que o *Hípias Menor*, e em seguida acrescenta que não há nada obscuro no diálogo, cuja construção é simples e que qualquer “rapaz inteligente de quinze anos” seria capaz de compreender. Hamilton e Cairns<sup>140</sup>, por sua vez, em uma introdução ao diálogo, afirmam que o *Hípias Menor* é inferior a todos os outros diálogos de Platão.

O que salvou o *Hípias Menor* da condição de espúrio foi uma citação nominal feita por Aristóteles na *Metafísica* ( $\Delta$  29,1025a 6-13). Atualmente, portanto, essa referência é amplamente aceita como garantia de autoria platônica.

Ao comentar esses dois diálogos dedicados a Hípias, Maria Teresa Schiappa Azevedo afirma o seguinte:

---

<sup>140</sup> HAMILTON, D.; CAIRNS H. (Eds.) *The Collected Dialogues of Plato*. Princeton: 1963, p.200.

Mais vincadas ainda, as divergências de estilo e de caracterização de personagens (em particular de Hípias) desde cedo têm suscitado diferentes apreciações literárias. A impressão – que perdura em alguns críticos atuais – é a de se estar perante dois autores diversos, e as perspectivas de ‘não-platônico’ que cada um dos diálogos é suscetível de evocar levou grande parte dos estudiosos ao repúdio de um deles ou mesmo de ambos.

Curiosamente, o Hípias Menor, apesar do clima aparentemente anti-socrático e mesmo anti-ético, foi dos menos atingidos pela onda de atetização em que a filologia alemã do séc. XIX se lançou. Não tanto por razões de estilo ou de conteúdo, como pela dificuldade de escamotear o único dado objetivo que atesta, desde cedo, a presença do diálogo no *Corpus platonicum*. Trata-se da citação de Aristóteles na *Metafísica* 1025a6-8. (...) Contudo, a excentricidade do Hípias Menor, conjugada com aspectos incipientes do seu desenvolvimento ou qualidade literária, não deixou de imprimir reflexo em boa parte dos estudiosos, que só devido ao testemunho de Aristóteles o aceitaram como autêntico” (1990, p.11-12).

A partir desse comentário, nota-se o quão estigmatizado pela crítica foi o *Hípias Menor*, mesmo sabendo que este tem a sua autenticidade garantida pela citação feita por Aristóteles. Isso é evidente na adjetivação usada pelos críticos para descrever o diálogo, que muitas vezes é qualificado como “excêntrico”, “estranho”, “confuso”, e até mesmo como “inferior a todos os outros diálogos de Platão”.

A presente pesquisa tem o objetivo de propor uma tradução do *Hípias Menor* de Platão. Além disso, esta pesquisa pretende apresentar um estudo que contemple a problemática anteriormente destacada, assim como outros pontos relevantes para a compreensão do diálogo, desde a sua recepção pela crítica até questões de ordem filosófica nele contidas.

Deve-se ressaltar que o intuito dos comentários críticos desta pesquisa é valorizar o diálogo, evidenciando seu caráter filosófico bem como sua importância dentro do *Corpus platonicum*.

## Bibliografia

- BEVERSLUIS, J. *Cross-examining Socrates: a defense of the interlocutor in Plato's early dialogues*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- BLUNDELL, M. W. "Character and Meaning in Plato's *Hippias Minor*", in: *Oxford Studies*. Suplem. Vol. 1992.
- HAMILTON, D. ; CAIRNS H.; eds., *The Collected Dialogues of Plato*. Princeton: 1963
- KAHN, C. H. *Plato and the Socratic dialogue: the philosophical use of a literary form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- KLOSKO, G. "Plato and The Morality of Fallacy", in: *The American Journal of Philology*, Vol. 108, No. 04. (Winter, 1987), pp. 612-626.
- LAGUNA, T de. "The Lesser Hippias", in: *The Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods*, Vol. 17, No. 20. (Sep. 23, 1920), pp. 550-556.
- PLATÃO. *Hípias Menor*, Introdução, Versão do Grego e Notas de Maria Teresa S. Chiappa Azevedo. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990.
- SPRAGUE, R. K. *Plato's Use os Fallacy*. London: Routledge, 1962.



Recebido em Fevereiro de 2010  
Aprovado em Abril de 2010